

Etnógrafos podem ser colaboradores interessantes em grupos multidisciplinares quando são participantes ativos nas pesquisas

Por Gláucia Pérez [1]
Editora: Susana Dias

21/12/2020 - A etnografia permite, por exemplo, descrever como as práticas de conhecimentos são construídas e como as evidências emergem por meio de processos interativos, uma vez que os etnógrafos dão atenção às ciências e tecnologias como realizações práticas e interativas, incorporadas a contextos históricos e culturais. A participação dos etnógrafos pode ajudar a reorientar tais processos, quando eles atuam como participantes ativos nas interações em quem se inserem.

Duas pesquisas etnográficas em grupos multidisciplinares foram analisadas pelo professor Marko Monteiro, do Departamento de Política Científica e Tecnológica do IGE/Unicamp, no artigo “Ethnography and interdisciplinary work: experiences from the US and Brazil”. Marko também é pesquisador do tema transversal de comunicação do INCT Mudanças climáticas, Fase 2. A relevância desse artigo é tratar da participação de pesquisadores das humanidades como interlocutores em redes de pesquisas com ênfase em ciências exatas e naturais, um problema de investigação que

interessa muito ao INCT - MC 2. Marko nos contou que: “A etnografia como método, e a antropologia como prática, podem oferecer muitas contribuições inovadoras, inclusive na produção de conhecimentos sob outra ótica”.

Isso porque a etnografia descreve como as práticas de conhecimentos são construídas e como as evidências emergem por meio de processos interativos, uma vez que os etnógrafos dão atenção às ciências e tecnologias como realizações práticas e interativas, incorporadas a contextos históricos e culturais. A participação dos etnógrafos pode ajudar a reorientar tais processos, quando eles atuam como participantes ativos nas interações em que se inserem.

Ao lidar explicitamente com questões epistêmicas, os etnógrafos podem ajudar a criar um terreno comum entre as disciplinas, e a resolver problemas menos visíveis que são ignorados ou vistos como meras questões de comunicação. Etnógrafos podem ser potencialmente inestimáveis colaboradores para a atuação interdisciplinar em áreas como saúde e meio ambiente, onde variáveis relacionadas à biologia, sociedade e matemática geralmente estão interligadas. Não apenas problemas envolvendo um componente de ciências sociais, mas também em projetos de construção em que novas tecnologias estão em jogo, ou onde a interface com a política é um aspecto crucial.

No primeiro grupo de estudo a pesquisa realizada por Marko aconteceu no período de novembro de 2006 a março de 2008 nos EUA, com cientistas envolvidos na modelagem da transferência de calor em tecidos dentro de um hospital. O grupo era formado por professores, pesquisadores com

pós-doutorado e estudantes de graduação. As áreas de especialização desses profissionais incluíam: ciência da computação, engenharia biomédica e civil, matemática aplicada, mecânica computacional, visualização científica, engenharia biomédica, e medicina. Foi produzido um vídeo para esse projeto. Segue o link: <https://www.youtube.com/watch?v=a17cW4d7FqA&t=137s>

No grupo, os profissionais eram provenientes de países como EUA, Irã, Índia e China, entre outras localidades. O objetivo científico desse grupo era ser capaz de prever o comportamento do câncer e das células saudáveis quando aquecido, permitindo ao cirurgião em uma cirurgia de tempo real tomar decisões mais bem informadas sobre como conduzir a intervenção, automatizando efetivamente partes do procedimento cirúrgico. Como pesquisador de pós-doutorado o professor Marko teve acesso às reuniões, contudo sua participação nas pesquisas se limitou apenas a observar e registrar as interações.

O outro grupo de estudo foi no Brasil, em pesquisa realizada de novembro de 2013 a outubro de 2014, com um grupo de cientistas focados em produzir dados sobre o impacto global e regional das mudanças climáticas e do uso da terra; e como impacta diretamente a floresta e o cotidiano da sociedade local. Era um grupo de pesquisa em ciência ambiental e no monitoramento do desmatamento.

No grupo havia profissionais com conhecimentos nas seguintes áreas: cientistas da atmosfera e do clima, cientistas de sensores remotos, cientistas ambientais, antropólogos, biólogos e ecologistas. Também tinha profissionais vindos de outros países, na sua maioria de países europeus. Esse projeto

pretendia levantar pontos de alarme onde são irreversíveis os danos causados a Amazônia, e levar esses dados a tomadores de decisões para que possam a tempo tomar providências. A modelagem era um aspecto central, pois esperavam desenvolver um plano para um sistema de alerta precoce para uma previsão e/ou tomada de decisão mais acertada.

Nesse grupo o professor Marko foi aceito não apenas como observador, mas em alguns momentos foi chamado para contribuir sobre os objetivos e as questões das pesquisas de alguns colegas que estavam no projeto. Nesse caso, o professor Marko acrescenta que estando em um grupo do seu país e em um projeto voltado para os aspectos sociais e naturais da Amazônia o ajudou a ser visto como um potencial interlocutor e não apenas como um “observador”, como no outro grupo, onde as pesquisas eram realizadas nos EUA.

Nessa pesquisa foram explorados dois aspectos: o primeiro relacionado aos desentendimentos no grupo, que estavam relacionados às diferenças epistêmicas, que podem ser culturais ou de conhecimentos ou de métodos; o segundo relativo à posição não muito segura do etnógrafo em um grupo interdisciplinar, mas potencialmente produtivo em termos de experiências em campo.

Em ambas as pesquisas, ao interagir com os outros cientistas, o professor explicava qual era o seu estudo ao observar os integrantes do grupo, o que muitas vezes envolvia explicar pontos de vista epistêmicos, explicando o que era antropologia ou etnografia, e que tipo de dados eram esperados ao observar e interagir com os grupos. O professor ressalta que a etnografia poderia com sua “linguagem”

específica ajudar essas equipes a produzir conhecimento de uma maneira que ainda não está sendo vista.

Por fim, Marko ressalta que na política atual um grande desafio é “a pouca comunicação do que a ciência de fato faz, pouco diálogo das universidades com seu entorno e com a sociedade em geral, além dos ventos políticos que sopram contra políticas ambientais, ONGs e qualquer pensamento divergente de um modelo agro-exportador”.

[1] Bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista ClimaCom.